



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
**NEWSLETTER**

NÚMERO **144**  
JUNHO 2013



**Grande Auditório em renovação**



4

### **Grande Auditório em renovação**

A partir deste mês e até ao final do ano, o Grande Auditório estará fechado para obras de reabilitação e restauro. Além da melhoria do conforto da sala, serão renovados vários aspetos do auditório. No exterior, e já a partir de 21 de julho, quem passar pelos Jardins, junto à Av. Marquês Sá da Bandeira, vai encontrar um novo Centro Interpretativo do Jardim e também uma nova esplanada.

10

### **Delors na Fundação Gulbenkian**

A prioridade: consolidar a União Económica e Monetária é o título da conferência que o antigo presidente da Comissão Europeia fará **no dia 5, às 18h30**, no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian. Enquanto presidente fundador do *think tank* europeu Notre Europe, Jacques Delors assistirá também à assinatura de um protocolo de colaboração entre o Notre Europe e a Fundação Calouste Gulbenkian.



11

### **Movimento para o Emprego**

Mais de 100 empresas portuguesas já aderiram a este Movimento que procura criar soluções para combater o desemprego de jovens qualificados. Em Portugal, mais de 140 mil jovens licenciados estão desempregados, e os últimos dados conhecidos indicam que o desemprego jovem atinge os 41 por cento. A Fundação Gulbenkian e a COTEC Portugal, com o apoio do Instituto de Emprego e Formação Profissional, dinamizam este Movimento.



A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

**NEWSLETTER** NÚMERO 144. JUNHO.2013 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais | André Cunha

COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Barata | Ana Mena | DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva [DDLX]

| REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga | FOTO DA CAPA © Márcia Lessa | IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM

10 000 exemplares | Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



PaulMcCreech por Wratislavia Cantans

12

## Gulbenkian Música 13/14

Uma nova temporada, recheada de concertos, ópera, teatro/música e outras iniciativas, foi apresentada ao público no final de maio. Com o Grande Auditório da Fundação encerrado para obras de restauro e reabilitação, a Gulbenkian Música 13/14 vai passar por outras salas de Lisboa, como a Culturgest, o Mosteiro dos Jerónimos, o CCB e a Igreja de São Roque. Para **15 de fevereiro** do próximo ano está agendado o regresso da temporada de música ao Grande Auditório, num dia marcado por encontros e concertos de entrada livre.

18

## Ideias de origem portuguesa

No **dia 6**, será conhecida a ideia vencedora da 2.ª edição do concurso FAZ – Ideias de Origem Portuguesa e também os vencedores do Prémio Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa, promovido pela COTEC. Em ambos os concursos celebra-se o empreendedorismo social, tema da secção Um Outro Olhar (p. 24), assinada por Filipe Santos, especialista nestas matérias e presidente do júri da iniciativa FAZ-IOP.

26

## O sul de África no Próximo Futuro

A partir do **dia 21** deste mês, os Jardins da Fundação Gulbenkian, o Anfiteatro ao Ar Livre e as salas de exposições do Edifício Sede vão mostrar imagens e palavras de uma outra África, ao sul, vinte anos passados sobre o fim do *Apartheid*. Este ano, os movimentos e os ritmos do Programa Gulbenkian Próximo Futuro vão passar também pelo Teatro Municipal de São Luiz e pelo Teatro do Bairro, parceiros desta edição.



© Omar Victor Diop, Soif, série «Fashion 2112, L'élégance du 22e siècle», 2011, Encontros de Bamako

## índice

### primeiro plano

4 **Grande Auditório em renovação**

### notícias

8 **Jardim com Centro Interpretativo e nova esplanada**

10 **Delors na Fundação Gulbenkian**

10 **Sextas da Reforma**

11 **Movimento para o Emprego**

12 **Gulbenkian Música 13/14**

16 **Festival Chantiers d'Europe**

16 **Cátedra Gulbenkian em Berlim**

17 **Aprender com os filmes**

17 **Comunidades inovadoras**

18 **Ideias de Origem Portuguesa**

19 **Investigadores do IGC ganham prémio de Investigação**

20 **Investigadores identificam mecanismo na formação de tumores**

20 **Formação em hemato-oncologia**

21 **breves**

**bolsiros gulbenkian**

22 **Bárbara Barradas**

**um outro olhar**

24 **Filipe Santos**

**em junho**

26 **O sul de África no Próximo Futuro**

**exposições**

30 **Tempo presente**

**música**

31 **Les pendus**

31 **Vem cantar Gershwin com o Coro Gulbenkian**

32 **novas edições**

33 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

**uma obra**

34 **Lourdes Castro**





Aspetto geral do Grande Auditório © Márcia Lessa

## Grande Auditório em renovação

*Mais de quatro décadas após a sua inauguração, em setembro de 1969, o Grande Auditório da Fundação Gulbenkian vai fechar as portas, pela primeira vez, para obras de restauro e de reabilitação. As obras decorrem até ao final do ano e a programação voltará em 2014, numa sala renovada e equipada com as tecnologias mais avançadas.*

O Grande Auditório integra um notável conjunto arquitetónico, classificado como Monumento Nacional em 2010, e que é formado pelo edifício Sede e pelo Museu Gulbenkian, projetado por Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy d'Athouguia. Referência ímpar da arquitetura moderna nacional, é uma das salas de espetáculos mais emblemáticas da cidade.

O projeto de intervenção enquadra-se num vasto programa de renovação e reabilitação dos edifícios e jardins da Fundação, iniciado em 2005 e que, de acordo com o plano estabelecido, chega agora ao Grande Auditório e às respetivas áreas de apoio para a última fase da intervenção geral. As obras vão desenrolar-se entre junho e dezembro deste

ano, abrangendo a sala de espetáculos, o palco, o subpalco, a sala de ensaios, a sala do coro e todas as zonas de apoio técnico. Construído exatamente no centro do parque, de modo a estar o mais protegido possível dos ruídos envolventes, o Grande Auditório foi equipado com a mais avançada engenharia e tecnologia da altura. Apesar da rigorosa manutenção a que anualmente é sujeito, no final de cada temporada, foi naturalmente acusando a passagem do tempo, sendo evidente a desatualização de muitos equipamentos e mecanismos de palco que serão agora objeto de uma profunda revisão segundo parâmetros mais exigentes e atuais em termos de capacidade tecnológica, segurança, conforto e acessibilidade.

## RESPEITAR O PROJETO ORIGINAL

Em outubro de 2011 foi criado o Programa de Renovação do Grande Auditório, sob orientação geral da administradora Isabel Mota, e nomeada uma Comissão de Acompanhamento formada por Emílio Rui Vilar, administrador não executivo da Fundação, Luís Valente de Oliveira e Ana Tostões. Desde então, uma vasta equipa de técnicos e especialistas trabalha em conjunto para garantir a excelência de soluções e um rigoroso planeamento de todas as áreas e fases de intervenção. A equipa integra consultores internacionais das mais destacadas empresas mundiais especializadas no equipamento de salas de espetáculos.

O projeto vai respeitar a arquitetura e o conceito do espaço original e foi submetido à Direção-Geral do Património Cultural, por se enquadrar num edifício classificado. “A ideia é adaptar a sala às exigências de uma sala de espetáculos do século XXI. Todas as infraestruturas serão revistas e a maior fatia do investimento será em tecnologia, para garantir a perfeita adequação aos novos padrões europeus de qualidade e operacionalidade, tornando o espaço mais versátil, adaptado a vários fins.” A afirmação é de Celso Matias, diretor do Programa de Renovação do Grande Auditório, que coordena todas as equipas envolvidas.

Antecipando eventuais receios suscitados pela intervenção num espaço tão carismático, esclarece: “A maior parte das áreas intervencionadas corresponde a áreas técnicas, invisíveis aos olhos do público, e que terão uma grande repercussão na qualidade geral da sala.”

Teresa Nunes da Ponte, arquiteta e coordenadora geral da equipa projetista, vai mais longe na declaração dos princípios que vão reger a intervenção: “A harmonia da sala é tal que a alteração de um só elemento pode desequilibrar todo o conjunto.” E acrescenta que o projeto “vai respeitar a conceção original do espaço em todos os aspetos, alterando apenas o estritamente necessário para reforçar a sua capacidade tecnológica, segurança, acústica e conforto”.



Aspetto do palco do Grande Auditório © Márcia Lessa

## RENOVAR EQUIPAMENTOS

A alteração mais visível aos olhos do público será na grande estrutura sobre o palco, um dos elementos de marca mais imponentes da sala e que em linguagem técnica é designada por “canópia”. “As pessoas não imaginam, mas esse monobloco pesa quinze toneladas e o seu enorme peso é suportado por poderosas vigas cravadas no teto e nas paredes. A intervenção nesse elemento é inevitável”, afirma Celso Matias. “Será substituído por uma estrutura bastante mais leve, com cerca de quatro toneladas.” “As vantagens serão enormes”, acrescenta Teresa Nunes da Ponte, porque, “para além de promover um melhoramento acústico, vai abrir um vasto campo de novas possibilidades técnicas, mantendo a mesma linguagem arquitetónica do modelo original, ficando mais apta a assumir diferentes requisitos em função do programa que for apresentado: música, teatro, cinema, ou conferências”.

A nova canópia será seccionada em 21 varas motorizadas, três das quais amovíveis, para suspensão de equipamento de iluminação, áudio e de cenário, ampliando substancialmente as potencialidades do espaço, e todo o controlo será realizado eletronicamente.

Quanto à geometria de palco será mantida, respeitando o projeto original, mas o seu mecanismo será completamente alterado. O equipamento do palco, bem como todos os mecanismos de elevação de cena serão também remodelados e modernizados. O sistema de elevação atualmente existente baseia-se num sistema de cabos, um mecanismo que se usava há meio século atrás. As soluções técnicas hoje disponíveis são completamente diferentes, pelo que será introduzido um sistema de correntes controlado eletronicamente, mais rápido, eficaz e seguro. Serão ainda construídos mais elevadores para agilizar a montagem e desmontagem de palco.



Aspetto dos bastidores – mesa de direção de cena © Márcia Lessa



Perspectiva do fundo do palco © Márcia Lessa

### CUMPRIR NORMAS EUROPEIAS

Para adaptação às novas legislações europeias, que alteraram substancialmente as exigências das salas de espetáculos, todo o sistema elétrico será renovado, mantendo o conceito e o desenho originais da iluminação, e serão introduzidos melhoramentos em todos os aspetos relativos à segurança contra riscos de incêndio.

De um ponto de vista acústico, serão feitas pequenas correções e ajustamentos já que a acústica é considerada excelente de forma praticamente unânime pelos músicos que têm passado por este palco ao longo dos anos. Para permitir oferecer vários tipos de espetáculos vai dotar-se o espaço de condições adaptáveis a cada um deles. Por exemplo, serão introduzidos painéis difusores amovíveis e banners recolhíveis em algumas zonas do Grande Auditório, que serão utilizados em função do repertório (há concertos que exigem absorção acústica e outros que pedem reverberação). Teresa Nunes da Ponte esclarece que o desenho dos novos elementos será o mais discreto possível para não prejudicar a harmonia e a leitura das fachadas interiores. O respeito por essa harmonia esteve também na base da decisão de manter as alcatifas, um elemento associado à marca de conforto desta sala. Apesar de possíveis ganhos a nível acústico, Teresa Nunes da Ponte considera que seria “doloroso optar por soluções radicais”, pelo que apenas será retirado o feltro da alcatifa, para que o som possa sofrer

menor absorção. As cadeiras terão espuma apenas onde estritamente necessário por essa mesma razão. Serão introduzidas unidades individualizadas de ar condicionado, com repercussões do ponto de vista da eficiência energética, permitindo uma gestão em função das necessi-



Início das obras de remodelação do Grande Auditório © Márcia Lessa



© Mária Lessa

Grande Auditório visto do jardim © Mária Lessa

dades do momento. O ar condicionado passará a estar instalado sob as cadeiras com retorno no teto, ao contrário do que atualmente acontece.

Para responder às normas atualmente em vigor, serão retiradas algumas cadeiras para alargar o espaço de circulação. Esses lugares serão recolocados noutras zonas, passando a existir também locais desenhados para pessoas com mobilidade reduzida com lugares também para acompanhantes. As cabines centrais de tradução, atualmente desativadas, serão convertidas em camarotes para o público.

O projeto prevê ainda a incorporação na plateia do Grande Auditório de um espaço para colocação de uma mesa de *régie* ao vivo, requisito de alguns espetáculos, e que voltará a ser ocupado por cadeiras quando a mesa não for necessária, encurtando o tempo de montagem e desmontagem dos espetáculos.

A Orquestra passará a dispor de uma nova sala de ensaios e a sala do coro será completamente remodelada.

Um novo *foyer* com bar será criado exatamente por cima do atual, ampliando o espaço de circulação e o serviço de cafetaria e beneficiando, assim, as condições de acolhimento do público.

No início de 2014, o Grande Auditório da Fundação Gulbenkian estará pronto, completamente renovado e aparelhado para receber diferentes tipos de espetáculos. ■



Aspetos da construção do Grande Auditório em 1968





## Jardim com centro interpretativo e nova esplanada

**N**o próximo dia 20 de julho, data em que se assinala a morte de Calouste Gulbenkian, é inaugurado o Centro Interpretativo do Jardim que terá, no espaço adjacente, uma nova esplanada.

Junto à entrada lateral para a Fundação, pela Av. Marquês Sá da Bandeira, no local onde antes funcionara o Centro Artístico Infantil (conhecido por “Centrinho”), desocupado há mais de dez anos, está a nascer um novo projeto que alia um centro de informação multimédia sobre o Jardim, dirigido a todos os públicos, a um espaço de lazer onde os visitantes poderão deliciar-se com um gelado no verão ou uma bebida quente no inverno. O horário de funcionamento deste novo equipamento acompanha o do Jardim: desde o nascer até ao pôr do Sol.

Com paredes de vidro que permitem um contacto visual permanente com o jardim, o projeto do Centro Interpretativo do Jardim e da nova esplanada, assinado pela equipa da arquiteta Teresa Nunes da Ponte, teve a preocupação de criar um espaço integrado na sua envolvente. E, como não podia deixar de ser, o seu enquadramento paisagístico é da responsabilidade do arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles, em conjunto com o arquiteto João Mateus.

### Os “10 ANDAMENTOS”

Obra maior da arquitetura paisagista do século XX, o Jardim Gulbenkian representou a inovação ao nível da

conceção e da construção do espaço público em Portugal. António Viana Barreto (1924-2012) e Gonçalo Ribeiro Telles, que nunca antes tinham trabalhado juntos, foram os dois jovens arquitetos paisagistas responsáveis pelo projeto de integração do edifício da Fundação no que foi outrora o Parque de Santa Gertrudes. A obra que daqui resultou viria a ser contemplada com o Prémio Valmor (em 1975) e destacou-se no percurso profissional de Gonçalo Ribeiro Telles, que em abril deste ano foi distinguido com o Prémio Sir Geoffrey Jellicoe, considerado o ‘Nobel’ da Arquitetura Paisagista. Sobre o Jardim, diz Gonçalo Ribeiro Telles: “Numa essência silvestre, a luz e a vida sublimam o lugar.” No novo Centro Interpretativo, é esta filosofia que se pretende abordar, explicando como se construiu este jardim e quem foram os seus protagonistas.

Aurora Carapinha, autora da monografia sobre o Jardim Gulbenkian publicada pela Fundação por ocasião do seu 50.º aniversário e coordenadora dos conteúdos para o novo equipamento, explica que o ponto de partida para organizar a informação e construir um guião que narre esta história são os “10 Mandamentos” que Ribeiro Telles define para a criação de um jardim, transformados aqui em “10 Andamentos”. O objetivo é dar a conhecer ao público aspetos menos visíveis no jardim, “pondo em evidência o que muitas vezes é infinitamente pequeno, ou seja, as questões ligadas à biodiversidade, um aspeto que esteve sempre presente na conceção do Jardim e que é de uma enorme riqueza”, explica



## “Numa essência silvestre, a luz e a vida sublimam o lugar.”

Gonçalo Ribeiro Telles

Aurora Carapinha. Assim, contempla-se a dimensão cultural do Jardim mas também a sua dimensão ecológica, “personagens da mesma história”. Entre desenhos, imagens antigas e atuais, os visitantes poderão definir o seu percurso, que pode ser linear, mas que também pode fazer-se saltando entre “andamentos”, abordando as seguintes temáticas: o jardim e a sua dimensão social; a água; a diversidade biológica; a problemática da luz e da sombra enquanto aspetos criadores de ambiência e de espacialidade; a perspetiva e a profundidade; a relação entre jardim e paisagem; o movimento do jardim ao longo do tempo; elementos identitários da cultura portuguesa; o desenho do espaço sobre o desenho das formas; e, finalmente, a questão do jardim enquanto projeto.

### **UM SISTEMA VIVO**

No novo centro interpretativo não faltarão também sons e imagens captadas por câmaras espalhadas pelo Jardim. Através destas “lupas” – visuais e auditivas – que ampliam a vida do jardim, poderemos ouvir o som da água ou observar o que se passa no relvado. “Isto é importante porque o jardim é um sistema vivo, que se transforma ao longo do dia. Se tivermos a oportunidade de acompanhar o jardim durante sete ou oito horas percebemos que os sons da manhã são completamente diferentes dos sons do meio-dia e do final do dia. O mesmo acontece no verão e no inverno”, frisa Aurora Carapinha.



A esta narração, em tempo real, é acrescentada ainda uma outra realidade a pensar nos mais pequenos: uma animação curta, “não fastidiosa”, narrada por um elemento emblemático do jardim, que assistiu a toda a sua construção e ainda hoje ali existe – o eucalipto. E num painel final interativo, as crianças poderão desenhar o seu próprio jardim e guardar uma impressão do resultado.

Deste Jardim as crianças já não levarão a recordação de cangurus, camelos, macacos ou rinocerontes, como teria acontecido no último quartel do século XIX, quando no Parque de Santa Gertrudes esteve instalado o *Jardim Zoológico e de Acclimação de Lisboa*. Mais tarde, entre 1943 e 1956, o parque acolheu carrosséis, barracas de comes e bebes e cartomantes, enquanto ali funcionou a Feira Popular de Lisboa. Em 1957, cerca de 70 mil metros quadrados de extensão do parque são adquiridos pela Fundação Calouste Gulbenkian. A cidade tinha crescido muito entretanto, em dimensão e em urbanidade. Mas foi a encosta que descia suavemente do Largo de São Sebastião da Pedreira até à Avenida de Berna que, com todas as suas particularidades naturais e ecológicas, tudo enquadrava e condicionava, dando origem ao Jardim Gulbenkian tal como hoje o conhecemos. ■

*O Centro Interpretativo do Jardim e a nova esplanada abrem ao público no dia 21 de julho.*

# Delors na Fundação Gulbenkian



No dia 5 de junho, às 18h30, o antigo presidente da Comissão Europeia Jacques Delors fará uma conferência sobre o estado atual da Europa intitulada *A prioridade: consolidar a União Económica e Monetária*. Delors vem a Lisboa na qualidade de presidente fundador do *think tank* europeu Notre Europe, presidido atualmente pelo antigo comissário europeu António Vitorino. A conferência realiza-se no Auditório 2 da Fundação e é de entrada livre. Quase a completar 88 anos de idade, Delors tem feito vários alertas sobre a situação atual na Europa, dizendo que os europeus têm que escolher entre “a sobrevivência ou o declínio”. Jacques Delors tem insistido na alteração do Tratado e diz que “se não consolidarmos o euro” e se não se encontrar um bom acordo com a Grã-Bretanha, “caminharemos em direção a uma zona de livre comércio, sem poder político, sem capacidade de seguir em frente, sem política de solidariedade”.

Delors foi presidente da Comissão de 1985 a 95 e o grande impulsionador do Mercado Único Europeu e da transformação da Comunidade Europeia em União Europeia, encaminhando as nações da comunidade para a moeda única e para uma maior cooperação ao nível da defesa. Sob a sua presidência, a União Europeia passou a integrar um conjunto mais alargado de países, entre eles Portugal e Espanha, e ainda hoje é reconhecido o seu papel de grande

gestor e negociador exímio, com uma visão estratégica que levou à consolidação do projeto europeu.

## PARCERIA COM NOTRE EUROPE

Antes da conferência, será assinado um protocolo de parceria entre a Fundação Gulbenkian e o *think tank* Notre Europe, que estabelece uma colaboração entre as duas entidades até ao final de 2015.

A parceria pretende contribuir para melhorar o processo europeu de integração e está baseada em três eixos: A União Europeia e os seus cidadãos, numa perspetiva política, institucional e cívica; Competição, cooperação, solidariedade, a pensar nos temas económicos e sociais; e Ação externa, mais ligada às iniciativas de dimensão internacional. Anualmente, a Fundação Gulbenkian e o Notre Europe organizarão três eventos em Bruxelas, Paris e Lisboa, bem como um programa conjunto de atividades. ■

## Sextas da reforma

No início do outono, a Fundação Calouste Gulbenkian, em parceria com o Banco de Portugal e com o Conselho das Finanças Públicas, vai realizar um conjunto de seminários sobre a reforma e gestão do sector público. A iniciativa tem por título “Sextas da Reforma” e nela serão abordados diversos temas, como a organização e a partilha de informação na administração pública, a liderança e a motivação de recursos humanos, a articulação entre o sector público e o sector privado, entre outros.

Os seminários irão decorrer uma vez por mês, sempre às sextas-feiras durante a tarde, na Fundação Calouste Gulbenkian. Cada uma destas sessões terá um especialista

convidado a fazer uma apresentação sobre cada um dos diferentes temas.

As Sextas da Reforma dão continuidade à colaboração entre a Fundação Gulbenkian, o Banco de Portugal e o Conselho das Finanças Públicas, iniciada com a conferência *Para uma reforma abrangente da organização e gestão do sector público*, realizada no final do mês de janeiro, com o intuito de destacar a importância de uma reforma abrangente da administração pública portuguesa. As conferências sobre a reforma têm o objetivo de contribuir para a criação de uma opinião pública informada, estimulando soluções concretas para o caso português. ■



# Movimento para o Emprego

Apresentação pública do Movimento para o Emprego © Mária Lessa

**A** Fundação Gulbenkian e a COTEC, em conjunto com o Instituto de Emprego e Formação Profissional, lançaram o Movimento para o Emprego. Mais de uma centena de entidades portuguesas já aderiram a este Movimento que procura criar soluções para combater o desemprego de jovens qualificados. A iniciativa pretende criar 5000 estágios até 2014, destinados a jovens desempregados com formação superior. A remuneração prevista para estes estágios é de 800 €, sendo 80% da mesma comparticipada por fundos públicos provenientes essencialmente de programas comunitários. Até à data do lançamento, 108 empresas e outras entidades tinham aderido ao Movimento, sendo mais de 3200 o número de estágios assegurados.

A cerimónia contou com intervenções de Artur Santos Silva, Presidente da Fundação Gulbenkian, de João Bento, Presidente da COTEC, e de Álvaro Santos Pereira, ministro da Economia e do Emprego. Artur Santos Silva afirmou que estes estágios significam “oportunidades novas” que irão

“facilitar a inserção profissional de muitos portugueses altamente qualificados”, permitindo “o reforço da sua formação académica com conhecimentos e competências críticas para o mercado de trabalho” e também “oportunidades de contacto com potenciais empregadores”.

A pensar no impulso necessário para que o Movimento se torne uma “realidade autónoma que possa crescer por si”, o presidente da COTEC referiu o empenho da associação na iniciativa e lembrou os muitos jovens qualificados que continuam à espera de uma oportunidade.

Por seu lado, o ministro da Economia sublinhou o papel da Fundação Gulbenkian e da COTEC no Movimento, dizendo que “mais uma vez mostraram que a sociedade civil se pode mobilizar”.

Em Portugal, cerca de 150 mil jovens licenciados estão desempregados, e os últimos dados conhecidos indicam que o desemprego jovem atinge os 41%. ■

[movimentoparaoemprego.iefp.pt](http://movimentoparaoemprego.iefp.pt)

## ENTIDADES PROMOTORAS

Accenture  
Adira  
Albatroz  
ANA - Aeroportos de Portugal  
BA Vidro  
Banco de Portugal  
Bertrand  
BES  
Bioalvo  
BOSCH  
BPI  
Bramp – polímeros de Braga  
Brisa  
Caixa Geral de Depósitos (CGD)  
Clarke, modet  
Collab  
Continental Mabor  
Corticeira Amorim  
Coviatop  
CP  
Critical manufacturing  
Critical materials  
critical software  
Cruz Vermelha Portuguesa  
CTT  
CUF consultadoria  
CUF Químicos

Deimos Engenharia  
Deloitte SGG  
Deloitte Weshare  
Delta Cafés  
DST  
EDP  
EFACEC  
EMBRAER  
Empreend. Turísticos Montebelo  
Eticadata Software  
Eurotrials  
Everis Portugal  
Exago Ventures  
Fundação Calouste Gulbenkian  
FCM – Cofragens e construções  
Frulact  
Fundação Champalimaud  
Fundação Eng. António de Almeida  
Fundação Luso Americana  
Fundação Oriente  
Galp  
Gateway  
HFA  
HOLOS  
Ibersol  
IKEA Portugal  
Imperial. Produtos alimentares

Impresa  
Innovnano  
Inovamais  
IT Grow  
IT Sector  
Jerónimo Martins  
KPMG  
Logoplaste  
Luís Simões  
Madeira Impex  
Medsimlab  
Mercedes-Benz Concessionários  
Mercedes-Benz Portugal  
Merck, Sharp and Dome  
Microsoft  
Millennium bcp  
Moldegama  
Monte Meão  
Nasamotor  
Nestlé  
Newton  
Nokia Siemens  
Novacortica Pelcor  
Palbit  
Plasdan  
Portucel  
Prosonic

PT  
Quidgest  
REFER  
REN  
Santander Totta  
SAP Portugal  
Savana Calçado  
Siemens  
Soc. Comercial C. Santos  
Sogrape  
Soltráfego  
Sonae  
Starsul  
TAP  
Tecmic  
Teleperformance  
Unicer  
Viatecla  
Viatel  
Visabeira Pro  
Visacasa  
Vision Box  
Volkswagen Autoeuropa  
Vortal  
Watchful  
Wavecom  
XLM – Serv. Informática



## Gulbenkian música 13/14

Orquestra Gulbenkian

*Com as portas do Grande Auditório fechadas para obras de restauro, a temporada 13/14 da Gulbenkian Música vai circular por diferentes palcos e espaços da cidade, regressando a casa no dia 15 de fevereiro de 2014.*

O Grande Auditório estará fechado no início da próxima temporada, mas a programação não vai parar, já que foram estabelecidas parcerias com o Centro Cultural de Belém, a Culturgest e a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (esta última para concertos a realizar na Igreja de São Roque). Edifícios históricos como a Academia de Ciências de Lisboa ou a Basílica de Mafra vão também acolher alguns concertos, e será no Mosteiro dos Jerónimos que **Paul McCreesh** dará o seu primeiro espetáculo como maestro principal da Orquestra Gulbenkian, num programa onde pontifica uma das obras maiores do repertório sinfónico-coral: *A Criação* de Joseph Haydn.

McCreesh, que esta temporada substitui Lawrence Foster na liderança da Orquestra, terá a companhia de três maestros convidados. **Susanna Mälkki** passará a ser a maestrina convidada principal da orquestra Gulbenkian. Especialista no repertório dos séculos XX e XXI, a maestrina finlandesa ocupou durante vários anos a direção musical do Ensemble Intercontemporain, a orquestra residente da Cité de la Musique de Paris. **Joana Carneiro** continua a

assegurar o cargo de maestrina convidada, juntando-se à equipa **Pedro Neves**, maestro titular da Orquestra do Algarve e da Orquestra Clássica de Espinho, que há três anos colabora com a Orquestra Gulbenkian. **Michel Corboz** mantém-se como maestro titular do Coro Gulbenkian e **Jorge Matta** como maestro adjunto desta formação.

Este elenco de maestros irá conferir uma maior versatilidade e dinâmica aos reportórios e projetos a lançar este ano, alguns dos quais se prendem com um reforço da atividade educativa. Assim, à semelhança do modelo da Orquestra Juvenil Gustav Mahler, uma das formações de juventude mais prestigiadas da atualidade e que ultimamente tem vindo a realizar a sua residência de Páscoa na Fundação Gulbenkian, será criado um **Estágio Gulbenkian para Orquestra**, liderado por Joana Carneiro, com o objetivo de formar uma orquestra juvenil sazonal de elevada qualidade.

A maestrina, em conjunto com Pedro Neves, irá também dinamizar uma nova iniciativa dirigida a jovens e famílias, os **Concertos de Domingo**, que resulta de uma parce-

ria com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, no âmbito da qual obras-primas da música clássica serão apresentadas, em sessão dupla, no Grande Auditório, aos domingos, a preços reduzidos. Este projeto terá continuidade nas temporadas seguintes.

Pedro Neves, um maestro que tem vindo a dar uma atenção especial à música portuguesa, dirige a **Integral das Sinfonias de Luís de Freitas Branco**, e ainda a estreia mundial de uma criação de **Sérgio Azevedo**, encomenda da Fundação Gulbenkian.

### TEMPORADA FORA DE PORTAS

Em palcos emprestados, até à reabertura do Grande Auditório, Paul McCreesh dirige a Orquestra Gulbenkian em seis programas distintos, dois dos quais inteiramente dedicados ao repertório sinfónico mozartiano. Neste período, entre as várias outras obras que vai apresentar, destaque para o Triplo Concerto de Beethoven, a 9.ª Sinfonia de Schubert e a ópera *Orfeu* de Gluck, na versão de Hector Berlioz.

O primeiro concerto de Susana Mälkki como maestrina convidada da Orquestra Gulbenkian realiza-se no princípio do ano de 2014, ainda fora de portas, e terá como obra principal a 1.ª Sinfonia de Gustav Mahler.

De assinalar o regresso de **Ton Koopman** para um programa dedicado a Johann Sebastian Bach, na Igreja de São Roque, bem como do barítono americano **Thomas Hampson** para um sempre apetecido recital de *Lieder*. Destaque também para o concerto que junta a Orquestra Gulbenkian e o músico angolano **Waldemar Bastos**, onde serão tocados temas do seu disco *Classics of my Soul*, originalmente gravado pela Orquestra Sinfónica de Londres. A Orquestra Gulbenkian associa-se ainda ao espetáculo comemorativo dos 20 anos da Culturgest, num programa que inclui a apresentação, em estreia mundial, da obra *Magnificat* de **António Pinho Vargas**.



Joana Carneiro © Rui Gaudêncio



Susanna Mälkki

### METOPERA E TEATRO/MÚSICA

No campo do ciclo Teatro/Música, em parceria com o Teatro Maria Matos, surgem, neste início de temporada, duas propostas arrojadas: *Two maybe more*, espetáculo do encenador e realizador **Marco Martins** a partir do trabalho dos coreógrafos **Sofia Dias** e **Vítor Roriz**, com textos de **Gonçalo M. Tavares** e música de **Pedro Moreira**, encomenda da Fundação Gulbenkian, e *Elogio da desordem*, um monólogo para piano semipreparado da compositora portuguesa **Joana Sá**.

Na primavera, o ciclo Teatro/Música apresenta uma temporada de ópera contemporânea que inclui a estreia portuguesa da nova obra de **Vasco Mendonça**, *The House Taken over*, com encenação de **Katie Mitchell**, *Quartett*, de



Ambrogio Maestri em *Falstaff*, Royal Opera House © Catherine Ashmore



Gustavo Dudamel © Márcia Lessa

**Luca Francesconi**, com encenação de **La Fura dels Baus**, e ainda uma versão de concerto de *Written on Skin* de **George Benjamin**.

Regressa **Anne Teresa de Keersmaeker** depois de, no ano passado, ter estabelecido uma residência em Lisboa, no decorrer da qual apresentou a peça *3Abschied*. A coreógrafa belga surge agora com *Partita 2 (sei solo)*, uma coprodução da Fundação Gulbenkian, com o Teatro La Monnaie, o Festival da Avignon, e o Berliner Festspiele, entre outros parceiros.

Quanto às transmissões da **Metropolitan Opera em HD**, serão apresentadas, na primeira metade da temporada, no Grande Auditório da Culturgest. *Evgeni Onegin*, de Tchaikovsky, *O Nariz*, de Chostakovitch, *Tosca*, de Puccini, *Falstaff*, de Verdi e *Rusalka*, de Dvorak, terão duas apresentações, às 11h e às 16h, aos sábados, sempre em diferido.

As restantes óperas programadas, entre março e maio de 2014 – *O Príncipe Igor*, de Borodin, *Werther*, de Massenet, *La Bohème*, de Puccini, *Così fan Tutte*, de Mozart, e *La Cenerentola*, de Rossini –, serão já exibidas no Grande

Auditório da Fundação, no formato habitual de sessão única, em direto sempre que possível, e com melhores condições de som e imagem.

## REGRESSO A CASA

Tal como sucedeu no ano passado, a pretexto dos 50 anos da Orquestra Gulbenkian, realizar-se-á um dia de portas abertas a 15 de fevereiro com concertos, filmes e encontros com músicos. A entrada é livre, mas sempre sujeita ao número de lugares disponíveis.

Nesta segunda parte da temporada, Paul McCreesh dirigirá a Orquestra Gulbenkian em mais quatro duplos concertos, que vão incluir a estreia mundial de duas obras encomendadas pela Fundação Gulbenkian a dois jovens compositores: **Ana Seara** e **Daan Jassens**. Entre as outras obras que serão dadas a ouvir pelo maestro titular da Orquestra Gulbenkian, salienta-se a oratória *Salomão* de **Georg Friedrich Handel** e duas sinfonias de **Mendelssohn**, a primeira e a quinta.

Com o regresso ao Grande Auditório serão retomados os diversos ciclos: Grandes Intérpretes, Piano, Música Antiga, Músicas do Mundo e Quartetos de Cordas.

No âmbito do ciclo Grandes Intérpretes, regressa **Gustavo Dudamel** com a **Orquestra Sinfónica da Rádio da Baviera**, e ainda a **Orquestra Juvenil Gustav Mahler**, para dois concertos dirigidos por **David Afkham**. Este ciclo vai trazer ainda o **Orfeó Catalã & Cor de Cambra**, uma formação coral que é já um símbolo da cultura catalã, e a **Orquestra Teresa Carreno**, um conjunto juvenil venezuelano, formado no âmbito do programa pedagógico El Sistema, que tal como a Simon Bolívar, a orquestra de topo deste projeto musical, reúne um conjunto de jovens talentos que coloca uma energia ímpar em todas as suas atuações.

No ciclo de piano destacam-se as atuações a solo de **Grigory Sokolov**, **Evgeni Koroliov**, **Katia** e **Marielle Labèque** e **Artur Pizarro**, este último apresentando a



Anne Teresa de Keersmaeker em *Partita 2 (sei solo)*



Joana Sá © Daniel Neves

**Integral das obras para piano de Rachmaninov.** Convidados a tocar com a Orquestra Gulbenkian estarão no palco do Grande Auditório pianistas como **Nelson Freire, Javier Perianes e Jorge Luis Prats.**

Integrado no ciclo de Música Antiga é apresentado o drama em três atos *Elena*, de Francesco Cavalli, pela **Cappella Mediterrânea**, numa nova produção do Festival de d'Aix en Provence e da Academia Europeia de Música, coproduzida pela Fundação Gulbenkian. A **Orquestra Barroca de Helsínquia** e a **Orquestra e Coro MusicAeterna** serão outras presenças a assinalar, bem como o grupo **L'avventura London**, um *ensemble* que explora o repertório da música ocidental dos séculos XVI e XVIII, com um programa dedicado a Canções de Amor Portuguesas setecentistas.

Quanto às Músicas do Mundo, as propostas vão desde os sons da Palestina trazidos pelo **Le Trio Joubran**, às composições para instrumentos orientais do místico arménio Georges Gurdjieff, interpretadas pelo **The Gurdjieff Folk Instruments Ensemble**, passando pelos ecos do Mediterrâneo nas cordas barrocas do grupo **L'Arpeggiata**, a que se juntam instrumentos árabes e a voz de **Mísia**.

A **Integral dos Quartetos para Cordas de Arnold Schonberg** será apresentada pelo **Quarteto Diotima**, ao longo de um fim de semana, com conferências e documentários dedicados ao compositor.

Já o **Quarteto Borodine** foi convidado para interpretar, ao longo da temporada, a **Integral dos Quartetos para Cordas de Tchaikovsky e Brahms.**

Uma novidade este ano será o programa **Rising Stars**, uma série de seis concertos promovidos pela ECHO – European Concert Hall Organisation, de que a Fundação Gulbenkian faz parte, e que dará a conhecer jovens emergentes, que vão circular pelas várias salas de concertos dos membros desta organização. Os concertos realizam-se durante um fim de semana a preços reduzidos. ■

Programação completa: [www.musica.gulbenkian.pt](http://www.musica.gulbenkian.pt)



Thomas Hampson © Dario Acosta



Katia e Marielle Labèque

## **Câmara de Lisboa distingue Orquestra Gulbenkian**

A medalha municipal de mérito, grau ouro, foi atribuída à Orquestra Gulbenkian pelos “serviços de excepcional relevância” prestados à cidade. Esta é a mais alta distinção da Câmara Municipal de Lisboa que, a propósito dos 50 anos da Orquestra, decidiu reconhecer o seu contributo para “a criação de novos públicos e para a vitalidade, diversidade, modernidade e excelência” da oferta cultural e musical de Lisboa e do país.

O executivo camarário, presidido por António Costa e tendo como vereadora da cultura Catarina Vaz Pinto, destacou o papel relevante dos concertos da Orquestra Gulbenkian que “têm trazido à capital alguns dos nomes – maestros e solistas – mais proeminentes da cena musical internacional e nacional”. A medalha vai ser entregue no dia 2 de junho, durante o concerto de encerramento da Gulbenkian Música.

# Festival Chantiers d'Europe dedicado a Portugal

*Durante todo o mês de junho, o Théâtre de la Ville, em Paris, promove mais uma edição do festival Chantiers d'Europe, este ano dedicado à criação portuguesa, à sua diversidade e originalidade.*

**N**o festival, que este ano conta com o apoio e a colaboração da Fundação Gulbenkian, são apresentados 30 projetos, envolvendo 60 artistas portugueses. Segundo Emmanuel Demarcy-Mota, diretor artístico do Théâtre de la Ville, o objetivo é “mostrar a importância de uma atividade criativa que abrange todas as áreas, mas que tem estado ocultada pelo olhar quase exclusivamente económico sobre Portugal”. Reforçar os laços entre as duas capitais, Lisboa e Paris, é também a intenção deste festival, que tem o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, através da EGEAC, e da Mairie de Paris.

Assim, haverá teatro, dança, música, cinema, artes plásticas e literatura, numa programação que privilegia a descoberta de artistas mais jovens, mas não só. Participam no festival coreógrafos como Joana Providência, Luís Guerra, Marlene Monteiro Freitas e Tânia Carvalho, o encenador Tiago Rodrigues e a companhia Mundo Perfeito, os coletivos Mala Voadora, Teatro Praga, Sofia Dias e Vitor Roriz, bem como os autores José Vieira Mendes, André Murraças e Jacinto Lucas Pires, entre muitos outros. Na música fazem-se ouvir as vozes de Carminho, Mísia e Lula Pena; no cinema são exibidos filmes de João Botelho, João Salaviza, Miguel Gomes e Marco Martins.

Para além do Théâtre de la Ville, o festival estende-se a outros espaços culturais da cidade, como o Centquatre, um dos mais recentes e vibrantes centros dedicados à criação artística em Paris, mas também ao Palais de Tokyo, por exemplo. Aqui são apresentadas, a 13 e 14 de junho, performances de A Kills B, Ricardo Jacinto, Joana Bastos, Musa Paradisiaca, António Olaio e Francisco Tropa, um grupo de artistas selecionados por curadores do Palais de Tokyo, resultado de uma residência que se realizou na Fundação Gulbenkian, no âmbito do Programa de Visitas de Curadores Internacionais que o CAM tem vindo a promover.

De referir ainda a parceria entre o Théâtre de la Ville e a Delegação em França da Fundação Gulbenkian, que se associa ao festival com uma programação paralela que inclui debates e a apresentação de performances de Susana Mendes Silva e de Pedro Barateiro na Ecole Nationale Supérieure des Beaux Arts de Paris.

A 4.<sup>a</sup> edição do festival Chantiers d'Europe, que em anos anteriores dedicou a sua programação a Itália, Reino Unido e Grécia, encerra no dia 29 de junho com a Festa da Lusofonia, no Parque Montsouris, onde a entrada é livre. ■

[www.theatredelaville-paris.com/horsscene-sur-le-vif-14](http://www.theatredelaville-paris.com/horsscene-sur-le-vif-14)

## Cátedra Gulbenkian em Berlim

**U**ma Cátedra Gulbenkian em Literatura e Cultura Portuguesas foi recentemente criada na Universidade Livre de Berlim (Freie Universität Berlin) com o propósito de estimular o interesse dos investigadores por esta área de estudos e de reforçar a presença da cultura portuguesa na Alemanha.

Esta Cátedra prevê a formação de dois investigadores durante três anos letivos e a organização, em paralelo, de seminários internacionais e *workshops* com convidados oriundos dos países lusófonos, através dos quais se deseja oferecer uma perspetiva interdisciplinar e de estudos comparados.

Na sessão de assinatura do protocolo que enquadrou a colaboração entre a Fundação e a Universidade Alemã, o administrador, Eduardo Marçal Grilo, sublinhou a importância desta iniciativa no quadro da projeção da língua portuguesa no mundo e das relações culturais entre a Alemanha e Portugal.

Marçal Grilo anunciou ainda as duas investigadoras selecionadas pelo júri para frequentar a Cátedra: Odelia Hitron, da Universidade Hebraica de Jerusalem e Diana Gomes Ascenso, da Universidade Johannes Gutenberg de Mainz, que se candidataram com projetos, respetivamente sobre Fernando Pessoa e Sophia de Mello Breyner Andresen. ■





Pop Up Fusion – grupo Sornail © Patrick Boyd

**N**o dia 22 de maio estrearam no Free World Centre, em Londres, quatro filmes animados realizados no âmbito da Fusion, um projeto da Pop Up Community desenvolvido com uma bolsa do UK Branch da Fundação Calouste Gulbenkian. A Pop Up Community dedica-se a promover colaborações entre jovens, famílias e artistas, e este projeto em particular pretende ajudar pais de comunidades de minorias étnicas londrinas a desempenhar um papel mais ativo na educação dos seus filhos. O modo encontrado para atingir este fim foi a realização de filmes baseados na tradução de histórias tradicionais das culturas dos participantes, celebrando desta forma a diversidade linguística de Londres. A iniciativa já foi nomeada “European Community Project of the Year” nos European Diversity Awards de 2011.

O projeto Fusion abrange atualmente quatro comunidades que falam algumas das línguas mais comuns em Londres: bengali, turco, somali e espanhol. Ao longo de oito semanas participaram quase 60 pais e filhos que, com a ajuda de marionetistas, ilustradores, tradutores e cineastas, desenvolveram filmes que pretendem estabelecer uma ponte entre a escola e o que se passa em casa destas crianças. É comum nestas comunidades os pais falarem pouco inglês, assumindo as crianças o papel de tradutores em nome da família. Através da criação destes filmes divertidos, a Pop Up espera usar as aptidões bilíngues que muitas destas crianças têm e, ao mesmo tempo, encorajar os pais a tomar um papel ativo na vida escolar dos seus filhos. ■

## Comunidades inovadoras

**P**rocurar soluções inovadoras da comunidade para os desafios que os serviços públicos enfrentam é um dos objetivos da reunião do Network for Europe, a realizar este mês em Liverpool, e que nasce do projeto It’s Our Community, da Fundação Calouste Gulbenkian, do National Council for Voluntary Organisations (NCVO) e da NESTA (National Endowment for Science, Technology and the Arts). Este projeto examina modelos para comunidades

que procurem desenvolver os seus próprios serviços locais, encorajando a sua replicação. Os fatores comuns de sucesso e as lições aplicáveis noutros contextos que se identificaram nos vários países estudados foram compilados num relatório que foi lançado na Fundação Gulbenkian em junho do ano passado.

O It’s Our Community tem por missão principal apoiar e inspirar as comunidades que estão a experimentar solu-

ções diferentes e destacar abordagens inovadoras que se desenvolvem pela Europa e podem funcionar noutros contextos. O projeto analisou iniciativas realizadas em Portugal, França, Reino Unido e Alemanha.

A pesquisa foi efetuada com apoio do UK Branch da Fundação Gulbenkian e da NESTA, e em Portugal quatro projetos afirmaram-se como exemplos deste tipo de iniciativa comunitária, incluindo a AVAal (Associação para a Valorização Ambiental da Alta de Lisboa) e a Cooperativa Terra Chã. Esta cooperativa, fundada em torno da aldeia de Chãos, procura formas de desenvolvimento sustentável e apoia os recursos e a história locais, incluindo o ambiente natural, melhorando assim a qualidade de vida da comunidade. A AVAal desenvolve projetos que defendem a conservação da natureza e promovem a ecologia cívica e a educação ambiental. ■



## Ideias de origem portuguesa

No dia 6 de junho é anunciado no Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian o vencedor da segunda edição do FAZ – Ideias de Origem Portuguesa (FAZ-IOP), concurso de ideias de empreendedorismo social dirigido à diáspora portuguesa. O prémio, no valor de 50 mil euros, é inteiramente destinado ao financiamento dos projetos, dos quais 25 mil euros serão atribuídos ao vencedor, 15 mil euros ao segundo lugar e 10 mil euros ao terceiro.

O anúncio será feito durante um encontro dedicado às comunidades portuguesas no estrangeiro, que contará com a presença do Presidente da República, e no qual serão também anunciados os vencedores do Prémio Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa, promovido pela COTEC. A sessão começa às 14h30 com a conferência de entrada livre intitulada “Empreendedorismo, Criatividade e Inovação em Portugal e na Diáspora Portuguesa” e às 17h, Artur Santos Silva, presidente da Fundação Gulbenkian, e João Bento, presidente da Direção da COTEC, anunciarão os vencedores dos prémios das duas iniciativas, na presença do Presidente da República.

### O concurso FAZ-IOP

A segunda edição do FAZ-IOP contou com a participação de 75 equipas constituídas por portugueses residentes em Portugal e no estrangeiro, cada uma com uma proposta de inovação social a ser materializada no nosso país. Deste universo foram selecionadas 10 equipas finalistas, que estarão entre os dias 2 e 6 de junho na Fundação Gulbenkian a receber formação intensiva do Instituto de Empreendedorismo Social, à semelhança daquilo que aconteceu na primeira edição do FAZ-IOP.



Entre os participantes neste workshop estarão portugueses residentes nos mais variados pontos do globo, como o Brasil, a Índia, o Dubai ou Angola, para além de muitos outros provenientes de várias cidades europeias.

Lançado em 2010 pela Fundação Gulbenkian, o FAZ surgiu como movimento destinado a apoiar projetos nas áreas do Ambiente e Sustentabilidade, Diálogo Intercultural, Envelhecimento e Inclusão Social. A ideia do arquiteto José Paixão, então residente em Viena, de reabilitação a custo zero de edifícios devolutos, foi a vencedora da primeira edição, sendo o projeto Arrebita!Porto uma realidade nos dias de hoje. A boa relação mantida com a COTEC levou a que as duas iniciativas – o FAZ-IOP e o Prémio Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa – se juntassem sob o mote comum FAZ. ■



**U**ma equipa de investigadores do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), liderada por Constantin Fesel (investigador responsável do grupo Lupus e repertórios imunes autoreativos), venceu o Prémio NEDAI de Investigação em Autoimunidade 2013, no valor de dez mil euros, pelo seu trabalho sobre o uso intravenoso de imunoglobulinas como terapêutica da doença autoimune de lúpus. O prémio é atribuído pelo Núcleo de Estudos de Doenças Autoimunes (NEDAI) da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna, que anualmente distingue trabalhos desenvolvidos em Portugal que privilegiem a ligação da investigação básica à clínica no âmbito da autoimunidade.

A terapia intravenosa de imunoglobulinas consiste na extração de anticorpos humanos do tipo IgG de sangue de dadores saudáveis e é usada em medicina para tratar várias doenças, incluindo doenças autoimunes. No entanto, ainda não se conhece completamente o mecanismo subjacente a esta terapia. No nosso organismo existem três tipos de linfócitos (glóbulos brancos): as células NK, os linfócitos B e os linfócitos T. Por sua vez, também existem vários tipos de linfócitos T, entre eles os linfócitos T reguladores. Este tipo de linfócitos – T reguladores – desempenha um papel essencial na prevenção de doenças autoimunes. Nestas doenças, a diversidade de subtipos de linfócitos T é muitas vezes reduzida porque o número de células específicas envolvidas na reação autoimune se expande anormalmente.

A equipa de Constantin Fesel estudou o comportamento da população de linfócitos T em pacientes com lúpus, submetidos a tratamento intravenoso de imunoglobulinas, e descobriu que esta terapia aumenta a diversidade de linfócitos T. Os cientistas investigaram se esta diversidade era influenciada pelos linfócitos T reguladores. Os linfócitos T reguladores expressam na superfície da célula uma molécula – CD25 – que indica a atividade destas células. Os investigadores observaram uma correlação entre a expressão da molécula CD25 e eficácia da terapia intravenosa de imunoglobulinas em aumentar a diversidade de linfócitos T. No entanto, o número e a ativação dos linfócitos T reguladores não eram influenciados por esta terapia. Constantin Fesel explica: “Os nossos resultados sugerem que a terapia intravenosa de imunoglobulinas provavelmente será mais eficiente em doentes de lúpus que tenham células T reguladoras mais ativas, e menos em indivíduos com células T reguladoras relativamente deficientes.” Nuno Costa, primeiro autor deste trabalho de investigação, diz que este prémio representa “uma grande motivação para continuar a investigar os mecanismos moleculares envolvidos na doença de lúpus”.

Esta é a segunda vez que Constantin Fesel é premiado com o prémio NEDAI e a sexta vez que este prémio é atribuído a investigadores do IGC. Este trabalho de investigação contou com a colaboração de vários hospitais, de norte a sul do país. ■

# Investigadores identificam mecanismo na formação de tumores

**A** equipa de investigadores do IGC, liderada por Florence Janody, identificou um novo mecanismo celular que estará associado às primeiras etapas do desenvolvimento de tumores, no qual o esqueleto da célula ou citoesqueleto parece ter um papel fundamental. Durante o desenvolvimento de tumores, as células passam por uma série de alterações que incluem modificações da sua arquitetura e maior capacidade de se dividirem, sobreviverem e invadirem novos tecidos, formando metástases. Neste processo, há uma classe de genes, os oncogenes, que codificam proteínas cuja atividade promove e sustenta este desenvolvimento. No entanto, ainda não é clara a forma como as células saudáveis são capazes de travar a atividade destes oncogenes, prevenindo que se tornem malignas. Neste estudo, publicado na última edição da revista científica *Oncogene*, a equipa de Florence Janody conseguiu travar o desenvolvimento de tumores induzido por um destes oncogenes – denominado “Src” –, através de manipulações no citoesqueleto de tecidos da mosca da fruta, *Drosophila melanogaster*. O citoesqueleto forma uma espécie de cabos que constituem uma rede por onde as moléculas se movimentam dentro da célula. Estes cabos

estão em constante afinação: as suas extremidades crescem e encolhem por adição ou remoção de componentes através da ação de proteínas, as *actin-capping* (em inglês), que vão regulando este processo.

Os investigadores mostraram que o desenvolvimento de tumores é travado na presença de elevados níveis do “afinador” *actin capping protein*. Este “afinador” restringe a atuação de proteínas que são normalmente ativadas por elevados níveis de Src. Apesar do mecanismo molecular preciso ainda não ser conhecido, a hipótese levantada por estes investigadores é de que o “afinador” cria uma tensão nos cabos do citoesqueleto que impede a ação destas proteínas. Assim, quando a rede do citoesqueleto não é controlada com precisão, oncogenes como Src não ficam retidos, observando-se o desenvolvimento de tumores. Florence Janody diz: “É como se o citoesqueleto funcionasse como uma rede de ‘arame farpado’. O vencedor da competição entre as moléculas do citoesqueleto e o oncogene Src, que luta contra o ‘arame farpado’, irá determinar se a célula se manterá saudável ou se se tornará cancerígena.”

Este estudo foi desenvolvido no IGC e foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. ■

## Programa de apoio à formação em Hemato-oncologia

**A** Fundação Calouste Gulbenkian e a Associação Portuguesa contra a Leucemia (APCL) assinaram, a 30 de abril, um protocolo que tem como objetivo desenvolver um programa de apoio à formação avançada em Hemato-Oncologia. Este programa pretende contribuir para a formação de profissionais de saúde ligados ao diagnóstico e tratamento de doentes com neoplasias hematológicas e terá a duração de três anos.

O programa será desenvolvido no âmbito do treino tecnológico, da aquisição de informação e do treino em investigação clínica. As duas entidades serão responsáveis pela abertura de bolsas, estando a cargo da APCL a decisão da sua atribuição e sendo as mesmas geridas pela Fundação Gulbenkian. As bolsas terão uma duração flexível, com o limite máximo de 12 meses, e os candidatos a este programa deverão apresentar as suas candidaturas diretamente à APCL em [www.apcl.pt](http://www.apcl.pt). ■



Assinatura do protocolo com a direção da APCL © Mária Lessa



## Apoio ao ensino básico de São Tomé e Príncipe

A Fundação Gulbenkian tem vindo a apoiar a reforma do ensino básico de São Tomé e Príncipe, através de ações de formação e da produção de material de apoio pedagógico e didático dirigido a instituições locais responsáveis pelo planeamento educativo e pela formação de professores e educadores. A colaboração, que se prolongará até 2015, prevê igualmente a disponibilização de materiais didáticos para o exercício de funções diretivas nas escolas do ensino básico e ainda apoio documental em suportes diversificados ao Centro de Recursos da Escola de Formação de Professores e Educadores e ao Centro de Recursos de Água Grande de São Tomé e Príncipe. No quadro desta colaboração a Fundação promoveu recentemente cursos nas áreas do desenvolvimento curricular e da gestão de projetos educativos adaptáveis a escolas do ensino básico da região. ■

## Fundação celebra 40 anos do Ar.Co

A Fundação Calouste Gulbenkian associa-se às comemorações dos 40 anos do Ar.Co (Centro de Arte e Comunicação Visual), entre os dias 14 de maio e 30 de junho, mostrando, no átrio da Biblioteca de Arte, um conjunto de obras da Biblioteca daquela escola de artes que pretende ilustrar as suas disciplinas/departamentos. Simultaneamente, na Sala de Leitura da Biblioteca de Arte será mostrado um conjunto de obras que documenta os 40 anos das atividades artísticas do Ar.Co, com especial ênfase para os catálogos das exposições que têm sido realizadas desde 1973, a data da sua criação. ■

## Quarteto de Cordas de Matosinhos na ECHO

O Quarteto de Cordas de Matosinhos foi selecionado pela European Concert Hall Organization (ECHO) para atuar em várias salas europeias de concertos, no âmbito da iniciativa Rising Stars que vai ser apresentada também em Portugal nos dias 9, 10 e 11 de maio de 2014, na Fundação Gulbenkian e na Casa da Música, as duas instituições portuguesas membros da ECHO

O Quarteto de Matosinhos, fundado em 2007, é constituído por Vitor Vieira e Juan Maggiorani (violinos), Jorge Alves (viola) e Marco Pereira (violoncelo) e integrará o conjunto de seis jovens artistas ou agrupamentos escolhidos para o Rising Stars 2014/2015. Esta iniciativa foi criada em 1995 e tem ajudado à promoção e lançamento de vários artistas pela Europa.

A ECHO foi fundada há 25 anos e tem vindo a promover a reflexão em torno das oportunidades e dos desafios que se colocam atualmente às salas de concertos, permitindo a troca de ideias e de experiências, e desenvolvendo iniciativas internacionais conjuntas. ■

## Prémio Eduardo Lourenço 2013

Jerónimo Pizarro é o vencedor da 9.<sup>a</sup> edição do Prémio Eduardo Lourenço, que vai ser entregue no dia 7, na Guarda.

Este prémio, no valor de 10 mil euros, é atribuído anualmente a uma personalidade ou a uma instituição que tenha uma intervenção importante no âmbito da cultura.

Professor de Literaturas Hispânicas e investigador da obra de Fernando Pessoa, Jerónimo Pizarro foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian nos anos de 2004 e 2006.

Jerónimo Pizarro tem nacionalidade portuguesa e colombiana e é atualmente professor na Universidade dos Andes, no Sul da Colômbia e doutor pelas Universidades de Harvard (2008) e de Lisboa (2006), em Literaturas Hispânicas e Linguística Portuguesa. ■



Bárbara Barradas | 27 anos | canto

## No palco sinto-me realizada e viva

### QUANDO SENTIU DESPERTAR O SEU INTERESSE PARA A ÓPERA?

Com apenas oito anos de idade comecei a cantar no Coro Infantil dos Jovens Cantores de Lisboa, tendo gravado um CD no qual fui solista de oito canções. Já nessa altura se podia ouvir o timbre operático da minha voz e fui aconselhada pela maestrina do Coro a investir numa educação musical que me permitisse vir a tornar-me cantora de ópera. Embora nessa altura a ópera não me entusiasmasse, os meus pais inscreveram-me em Piano na Escola de Música do Conservatório Nacional. Aos 19 anos, ingressei na classe de Canto do professor José Carlos Xavier com o intuito de aprender técnica vocal e, ao fim de três meses de aulas, percebi que a minha voz era realmente talhada para a ópera e para o canto lírico. A partir daí, investi completamente nesse percurso, tendo ido para Londres em 2006 com a ajuda de uma bolsa de estudo da Fundação Gulbenkian.

### PARA ALÉM DO CANTO, APRENDEU BALLET E PIANO. QUE IMPORTÂNCIA TEVE PARA SI A FORMAÇÃO EM VÁRIAS DISCIPLINAS?

O *ballet* é uma grande paixão e ter formação de bailarina é-me muito útil, pois hoje em dia os cantores têm de ser

bastante flexíveis nas encenações e dançar ou mover-se bastante, e o *ballet* deu-me as bases para ter uma postura elegante e uma mobilidade bastante boa. Por outro lado, o piano deu-me todas as bases necessárias para me formar musicalmente e é um instrumento que me serve todos os dias, por exemplo, no estudo.

### DEPOIS DO CONSERVATÓRIO DE LISBOA, ESTUDOU NA GUILDHALL SCHOOL OF MUSIC AND DRAMA, NO FLANDERS OPERASTUDIO E NA WALES INTERNATIONAL ACADEMY OF VOICE. QUE INFLUÊNCIA TIVERAM NO SEU DESENVOLVIMENTO ESTAS ETAPAS NO ESTRANGEIRO?

Estas etapas foram, sem dúvida, muito importantes no meu desenvolvimento como cantora. Foi na Guildhall School of Music and Drama que continuei a aprofundar as minhas bases, com a professora Susan Waters. Em 2008, conheci a professora Lúcia Lemos, que desde então tem sido a minha professora particular sempre que estou em Portugal. Com ela cresci muito como cantora, tanto do ponto de vista técnico como emocional. No Flanders Operastudio, tive a oportunidade de explorar os meus limites e confirmar que a minha escolha não tinha sido um erro, pois é no palco que me sinto realizada e viva. Na Wales



Guildhall School of Music and Drama © Iain McLachlan

International Academy of Voice, pude beber do conhecimento de grandes cantores como Dennis O'Neill, Kiri Te Kanawa ou Nelly Miricioiu, que me ensinaram muito sobre como construir uma carreira e mantê-la. Atualmente, estudo em Londres com Paula Anglin, com quem me tenho desenvolvido bastante rapidamente, limando as últimas arestas, para estar pronta para os grandes palcos internacionais, que tanto anseio pisar, para poder partilhar a minha paixão pela ópera. Acho que a passagem pelo estrangeiro foi decisiva para a minha evolução como cantora e para conseguir planejar e traçar uma carreira internacional. Lamento que, em Portugal, não tenhamos as infraestruturas para tal, pois existe muito talento e poucos recursos, mas tenho esperanças de que, um dia, o nosso país venha a reunir as condições necessárias para dar aos cantores a formação completa de que necessitam.

**PARTICIPOU EM MASTERCLASSES DO ENOA (EUROPEAN NETWORK OF OPERA ACADEMIES) PROMOVIDAS PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. QUE ENSINAMENTOS RETIROU DESTAS EXPERIÊNCIAS?**

Todos os *workshops* ENOA que tenho feito têm sido claramente mais-valias para a minha formação, oportunidades excelentes para explorar novas técnicas e polir conhecimentos já adquiridos. Além disso, dão aos jovens cantores portugueses a oportunidade de conhecer outros países e

culturas e de mostrar o seu talento no estrangeiro. Destaco as *masterclasses* com Tom Krause (que foi muito importante para a minha técnica), com Andrzej Dobber e Aldona Farrugia, com quem trabalhei a *Cena da Loucura* da Lucia di Lammermoor. Esta foi uma experiência incrível a todos os níveis e na qual, pela primeira vez, senti o que é a verdadeira liberdade no canto, o que é estar no palco e passar a ser guiada pela personagem. A gratidão e amor incondicional que senti no palco foi uma dádiva que passei a querer partilhar com as pessoas que se cruzam comigo e principalmente com o público.

**QUE PROJETOS SE AVIZINHAM?**

No futuro próximo terei um *workshop* da ENOA com o maestro Paul McCreesh, na ópera *Le nozze di Figaro* de Mozart, na qual interpretarei Susanna e Barbarina. Vou participar na Neue Stimmen Competition, na International Rotary Competition e na Grandi Voci Competition. Além disso, interpretarei o papel de Frasquita na *Carmen* de Bizet, na Woodhouse, em Londres, onde tenho agendadas audições e alguns concertos. ■



# A Diáspora Portuguesa

**Por Filipe Santos**

Professor Associado  
de Empreendedorismo no INSEAD  
Presidente do Júri do FAZ-IOP

Portugal tem 10,5 milhões de habitantes no seu território, dos quais 10 milhões são cidadãos Portugueses e 500 mil são residentes estrangeiros. Mas o Portugal global tem mais cinco milhões de cidadãos, espalhados pelos cinco continentes, entre cidadãos portugueses emigrados e seus descendentes diretos. Somos portanto uma nação global de 15 milhões, um ativo importante que importa capitalizar. Portugal teve várias vagas de emigração ao longo da sua História, começando pelas explorações dos Descobrimentos, acentuando-se com a vaga de emigração económica para o Brasil no século XIX, ao que se juntaram três décadas de emigração maciça, por motivos económicos e políticos, no início da segunda metade do século XX, maioritariamente para países do mundo ocidental. Esta última vaga acentuou o conceito de “diáspora portuguesa” e deu-lhe a dimensão dos cinco milhões de portugueses espalhados pelo mundo.

Esta diáspora foi caracterizada maioritariamente por emigrantes de menor qualificação, reduzida capacidade económica e que partiram para outros países em busca de uma vida melhor, fugindo de um país rural pobre e de um sistema político decadente. Trabalharam muito, criaram raízes, integraram-se melhor que muitos outros povos emigrantes, mas mantiveram a sua cultura própria e a saudade do seu país. As remessas que foram enviando permitiram sustentar a balança de pagamentos de Portugal durante muitos anos. As casas que construíram em Portugal, símbolo do sonho de muitos em regressar, pululam nas nossas aldeias. Alguns voltaram após a reforma, mas muitos acabaram por ficar nos países de destino onde construíram novas vidas.

As diásporas mais recentes são as diásporas de Educação Superior dos anos 80 e 90, que permitiram qualificar um grande número de portugueses com formação avançada e abrir o nosso sistema científico e tecnológico ao mundo. E também, mais polémica, a diáspora do desemprego qualificado do século XXI – a diáspora da troika. Que ironia infeliz e perigosa – a geração portuguesa mais bem qualificada de sempre, resultado de 18 anos de investimento na Educação de cada uma das nossas crianças, sai do país e vai produzir riqueza para outro lado, fugindo ao espectro do desemprego jovem de longa duração que já ultrapassa os 30 por cento. Nós investimos enquanto nação e os outros colhem os frutos e sabem criar os empregos que trazem riqueza e dão perspectiva de vida. Esta não é mais uma emigração de sobrevivência, como nos anos 50 e 60, pois o nosso país felizmente deu um salto gigantesco em termos de desenvolvimento nos últimos 50 anos. Esta é uma emigração de oportunidade que nos leva os portugueses mais bem qualificados e mais empreendedores.





Mapa incluído no livro *Atlas das Migrações*, edição FCG

Mas será mesmo assim? Ou é possível um outro olhar? A visão tradicional de diáspora pressupõe uma fronteira rígida entre o dentro e o fora. Assume uma mobilidade reduzida e uma economia baseada na força de trabalho enquanto ativo principal, com empregos para a vida. Mas esta visão de diáspora já não nos serve para entendermos os novos fenómenos migratórios, as novas diásporas da economia, do conhecimento e da globalização. O emigrante do conhecimento vai e vem múltiplas vezes. Desenvolve carreiras de prestígio e tem mobilidade. Cria redes nos países de destino e pontes com Portugal. Não constrói casas na aldeia de origem, mas desenvolve projetos na cidade de onde vem. É um embaixador de Portugal onde quer que se encontre. É importante salientar que os emigrantes do conhecimento podem criar enorme valor tanto nos países de destino como nos países de origem. É verdade que metade das novas empresas criadas no Silicon Valley têm um fundador chinês ou indiano. Mas também é verdade que a vaga recente de empreendedorismo tecnológico na Índia e China está alicerçada nessa diáspora de emigrantes. As novas remessas de emigrantes não se medem em escudos, euros ou tijolos, mas em ideias, redes de contactos e conhecimento. E são provavelmente mais valiosas para o nosso país do que foram as anteriores.

A essência do empreendedorismo é olhar para os problemas como oportunidades de criar valor. O Programa FAZ – Ideias de Origem Portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian assume esta postura empreendedora e adota uma nova visão para a diáspora que procura capitalizar o ativo enorme para o país que é a Diáspora do Conhecimento. Trata-se de um concurso de ideias oriundas de portugueses residentes no estrangeiro para implementação em Portugal através de equipas mistas entre residentes e membros da diáspora. O objetivo é capitalizar a sabedoria dos portugueses no mundo para ajudar a resolver problemas da nossa sociedade em áreas como o diálogo intercultural, o ambiente e sustentabilidade, a inclusão social e o envelhecimento.

Entre quase 80 ideias fantásticas submetidas até ao dia 31 de março, o júri a que presido escolheu 10 finalistas cujo vídeo de apresentação está em <http://www.ideiasdeorigemportuguesa.org/ideias/finalistas> e os quais recomendo vivamente para se ter noção da visão, inspiração e compaixão dos portugueses. Estas ideias serão trabalhadas com vista à sua melhoria e implementação através de um *bootcamp* de empreendedorismo social IES powered by INSEAD, nos dias 3 a 5 de junho. Os vencedores serão anunciados no dia 6 de junho e todos os projetos terão acompanhamento para a sua implementação. Um contributo da Fundação Calouste Gulbenkian, em parceria com a COTEC, para que Portugal capitalize a sua nação de 15 milhões espalhados pelos cinco continentes através de projetos inovadores de empreendedorismo social. ■



# O sul de África no Próximo Futuro

Otelo Burning (2012), filme de Sara Blecher (África do Sul)

*Duas décadas após o fim do Apartheid na África do Sul, o Programa Gulbenkian Próximo Futuro faz um ponto da situação e dedica o essencial da sua programação de verão às ideias e à criação artística contemporânea dos países do sul de África. Pensamento e literatura, arte pública, exposições de fotografia, música, cinema, teatro e dança, a partir de 21 de junho, na Fundação Gulbenkian, mas também no São Luiz Teatro Municipal e no Teatro do Bairro, parceiros nesta programação.*

**E**m 2012, foi a Primavera Árabe e o Norte de África. Em 2013, os protagonistas do festival que o Programa Próximo Futuro apresenta a partir de 21 de junho vêm do sul do continente africano. De Moçambique, de Angola, da África do sul e de outros países desta região do mundo que, nas últimas décadas, tem sofrido grande transformação política e social.

O fim do *Apartheid*, em 1991, não foi apenas a abolição de um regime desumano na África do Sul; foi um acontecimento que teve repercussões por toda a África e, muito em particular, na região da África Austral. Cerca de duas décadas depois, qual é o panorama nestes países? Que melhorias houve? Que dinâmicas existem? Que frustrações se acumulam? Que perspectivas há para o próximo futuro?



Calvin Dondo, Freiburg, série «New German Family», 2010 © Calvin Dondo

Ou, como se lê ainda no *Jornal do Próximo Futuro* que apresenta esta programação: “Num momento em que a Europa enfrenta uma crise profunda e parece perder a sua aura de continente infalível, alguns dos países desta região de África parecem emergir com uma vitalidade ímpar.” Vamos ouvir o que têm para dizer.

### **FESTA DA LITERATURA E DO PENSAMENTO**

A programação arranca no dia 21 de junho, a partir das 17h, com a inauguração de várias instalações artísticas espalhadas pelo jardim. É neste conjunto de instalações que se inclui a Cabana, um projeto de inspiração étnico-tribal africana, assinado por Catarina Pinto (Portugal) e realizado inteiramente com materiais naturais, onde serão acolhidas as sessões da Festa da Literatura e do Pensamento do Sul de África. O primeiro dia de festival termina com o **Baile na Garagem**, que a partir da meia-noite vai pôr toda a gente a dançar ao som de Analog Africa Soundsystem (Alemanha, Tunísia, Croácia) e do DJ Rui Miguel Abreu (Portugal).

O tema do primeiro debate da **Festa da Literatura e do Pensamento do Sul da África** é “O Estado das Artes” (21 junho, 19h), com a historiadora **Patricia Hayes** (África do Sul), a curadora **Joan Legalamitlwa** (África do Sul), também responsável pela seleção de vários filmes a exibir este ano na Cinemateca Próximo Futuro, e o músico **Tiago Correia-Paulo** (Moçambique).

Na sessão seguinte (22 junho, 18h) discute-se Literatura com os escritores **Ondjaki** (Angola), **Ivan Vladislavic** (África do Sul) e **Binyavanga Wainaina** (Quênia), autor de um texto de referência sobre a perceção de África no Ocidente, “Como escrever sobre África”, onde são parodiados todos os clichés e lugares-comuns na literatura que envolve este continente. Segue-se o debate sobre “Pensamento e Política” (23 junho, 16h) com os investigadores **Elisabete Azevedo-Harman** (Portugal), **Elísio Macamo** (Moçambique), **Harry Garuba** (Nigéria) e **João Paulo Borges Coelho** (Moçambique). A última sessão é dedicada à “Poesia” (23 junho, 18h), com **Joan Metelerkamp** (África do Sul), **Peter Kagayi** (Uganda), **TJ Dema** (Botswana) e **Vonani Bila** (África do Sul).



Orobroy, Stop! © Cia. Horácio Macuácuá

### **CINEMA NO ANFITEATRO AO AR LIVRE**

Em junho, o cinema regressa ao Jardim Gulbenkian. Na primeira sessão (24 junho) desta edição da **Cinemateca Próximo Futuro** é apresentado em estreia mundial o filme *Cadjigue*, do guineense Sana Na N'Hada. O realizador que começou a fazer cinema com o registo documental dos movimentos de libertação africana, nos anos 70, traz-nos aqui a sua obra mais recente, um filme de ficção rodado no arquipélago de Bijagós. Na sessão seguinte (25 junho), Filipa César apresenta a sua trilogia evocativa de Amílcar Cabral e do cinema guineense, um trabalho composto por três ensaios cinematográficos de curta duração: *Conakry*, *Cacheu* e *Cuba*. Na mesma sessão, é apresentado em estreia no nosso país o documentário **Sem Flash. Homenagem a Ricardo Rangel (1924-2009)**, um retrato cinematográfico do grande fotógrafo moçambicano Ricardo Rangel e da sua obra. A realização é de Bruno Z'Graggen.

O programa para as sessões seguintes da Cinemateca Próximo Futuro é da responsabilidade da curadora sul-africana Joan Legalamitlwa (participante no debate “O Estado das Artes”, 21 junho), que selecionou um conjunto de filmes para este ciclo com base na expressão popular *Mzansi*, que significa “Sul” e que é geralmente utilizada

pelos mais jovens. Ficção, não ficção e filmes experimentais é o que podemos esperar destas seis sessões que abordam questões como sexualidade, identidade, tradição, transformação e cultura dos jovens.

Todos os filmes são exibidos a partir das 22h, no Anfiteatro ao Ar Livre, com legendas em português.

### **DO SÃO LUIZ AO TEATRO DO BAIRRO**

Este verão, o Próximo Futuro estende-se ainda a duas outras salas de espetáculos de referência, em Lisboa: o São Luiz Teatro Municipal e o Teatro do Bairro, parceiros nesta programação, que apresentam dança e teatro.

No palco da Sala Principal do São Luiz destacam-se os criadores de Moçambique. A 23 e 24 de junho, apresenta-se **Tempo e Espaço: Os Solos da Marrabenta**, um espetáculo de dança com coreografia e interpretação de Panaibra Gabriel Canda, onde é explorado o “corpo pós-colonial” e a música marrabenta, um género nascido nos anos 50 a partir de uma mistura de influências locais e europeias, em especial a guitarra portuguesa. Depois, a 29 e 30 de junho, haverá dose dupla do trabalho do coreógrafo Horácio Macuácuá. No mesmo espetáculo apresentam-se duas criações diferentes: **Orobroy, Stop!**, seguida de **Smile if You Can**. Se no



Jagwa Music

primeiro caso se faz uma recriação do Flamenco – *orobroy* significa “pensamento”, na língua dos nómadas ciganos do sul de Espanha que deram origem ao flamenco –, em seguida a Companhia Horácio Macuácuca utiliza linguagens diferentes, mostrando que consegue renovar-se e que não está presa apenas a um só estilo.

No Jardim de Inverno do São Luiz, haverá uma apresentação única, a 29 de junho, de ***Outra Hora da Estrela***, o resultado da adaptação ao palco do livro homónimo de Clarice Lispector, destacada voz da literatura brasileira. Neste espetáculo, reúne-se literatura e música para recontar a história e recriar a atmosfera de um dos textos mais envolventes da autora, quando passam 35 anos sobre a sua morte. [Relembre-se também que, até 23 de junho, na Galeria de Exposições Temporárias do Museu Gulbenkian estará patente *A Hora da Estrela*, uma exposição integrada nas comemorações do Ano do Brasil em Portugal com textos, fac-símiles, fotografias e documentos pessoais de Clarice Lispector.]

Ainda na Sala Principal do São Luiz, o encenador português João Samões apresenta ***África Fantasma II***, uma peça cujo título remete para o diário africano de Michel Leiris (etnólogo e escritor surrealista francês), onde o tempo revela as marcas e os laços indissociáveis entre a expansão colonial

e a construção da modernidade e da vanguarda artística na Europa. Joana Bárcia e Miguel Borges são os intérpretes.

O teatro chileno, que tem desenvolvido um trabalho notável sobre a História recente do país, nomeadamente sobre o período da ditadura de Pinochet, e que habitualmente marca presença no Próximo Futuro, estará este verão representado pelo encenador Cristián Plana. A sua peça ***Velório Chileno*** é apresentada a 5 e 6 de julho, no Teatro do Bairro.

#### **ANFITEATRO AO AR LIVRE E AO RUBRO**

Dois concertos completam esta programação do Próximo Futuro: os **Jagwa Music**, com o seu som eletrizante, são as maiores estrelas do *mchiriku*, o grande fenómeno musical da Tanzânia nos últimos 20 anos, nascido nos subúrbios pobres de Dar-es-Salam. A popularidade deste coletivo disparou depois da edição em 2012 do seu álbum de estreia, que os levou a atuar em grandes festivais de verão europeus. Vamos poder agora comprovar a sua fama de “rockers irresistíveis” no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação, dia 28 de junho, às 22h. Por último, dia 7 de julho, às 19h, sobem ao palco do Jardim Gulbenkian os **Konkoma**, uma banda com músicos do Gana e do Reino Unido que mistura afro-funk, jazz, soul e ritmos tradicionais africanos. ■



Lebo and Ntombe, Company Gardens, Cape Town © Lien Botha, Parrot Jungle 2009

## Tempo presente

No dia 22 de junho, abrem ao público duas exposições no âmbito do Programa Próximo Futuro: a **9ª Edição dos Encontros de Fotografia de Bamako** e **Present Tense**, uma exposição exclusivamente com fotógrafos do sul de África. A exposição sobre a última edição (2011) dos Encontros de Fotografia de Bamako, no Mali, teve como tema “Para um mundo sustentável”, uma proposta desafiadora – se tivermos em conta que no continente africano em muitos países se está longe de atingir os mínimos exigidos pelo Protocolo de Quioto – à qual dezenas de artistas africanos responderam com centenas de fotografias e vídeos. Os Encontros de Fotografia de Bamako podem ser vistos na Galeria de Exposições Temporárias do Edifício Sede, a partir de dia 22 e durante todo o verão.

Numa galeria distinta, é apresentada em simultâneo a exposição *Present Tense*, com curadoria de António Pinto Ribeiro. Esta exposição reúne o trabalho de 14 fotógrafos do sul da África, representando duas gerações: uma mais velha, virada para um passado traumático; outra mais nova, com uma experiência pós-guerras, mais virada para o futuro. Independentemente dos géneros – retrato, paisagem documento, fotojornalismo –, estas fotografias evidenciam realidades tensionais nesta região do continente africano e na sociedade em geral, mas também a tensão entre linguagens artísticas.

*Present Tense* é uma coprodução do Programa Próximo Futuro e da Delegação em França da Fundação Gulbenkian, para onde esta exposição viaja em setembro. ■

### OUTRAS EXPOSIÇÕES

**CLARICE LISPECTOR – A HORA DA ESTRELA**

**ATÉ 23 DE JUNHO**

GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS  
DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

**GALÁPAGOS**

**ATÉ 7 DE JULHO**

CAM

**RAZÕES IMPREVISTAS**

**– RETROSPECTIVA DE FERNANDO AZEVEDO**

**ATÉ 7 DE JULHO**

CAM

**A OBRA PERDIDA DE EMMERICO NUNES**

**ATÉ 7 DE JULHO**

CAM

# ***Les Pendus, de Josse de Pauw & Jan Kuijken***

**N**o dia 7 de junho, às 21h30, o palco do Teatro Maria Matos receberá *Les Pendus – Os Enforcados* –, peça dedicada àqueles que ao longo dos séculos se recusaram a aceitar de forma cega e acrítica aquilo que lhes foi imposto pelas autoridades, assumindo pelo contrário uma atitude contestatária e reivindicativa que não raramente lhes custou a vida. Este espetáculo está integrado no ciclo Teatro/Música da temporada da Gulbenkian Música.

Suspensos como se enforcados acima das cabeças dos músicos, dois atores e três cantores dão voz ao discurso por

vezes lamentoso, por vezes suplicante e por vezes acusatório daqueles que se viram condenados pela dissonância do seu pensamento e pela expressão corajosa do mesmo, ameaçando os dogmas com a sua curiosidade.

Com texto e direção teatral do escritor Josse de Pauw e música do compositor Jan Kuijken, esta peça é uma homenagem à liberdade de expressão e a todos aqueles que por ela lutaram e por ela morreram.

O espetáculo é legendado em português. ■



## **Vem Cantar Gershwin Com o Coro Gulbenkian**

**N**este concerto integrado na temporada do Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e a Ciência, o público é convidado a cantar e a interagir com o Coro Gulbenkian e com uma banda de jazz formada por alguns conceituados músicos portugueses. Quem marcar presença no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Calouste Gulbenkian às 21h dos dias 14 e 15 de junho terá assim a oportunidade de acompanhar o Maestro Jorge Matta, o Coro Gulbenkian e os músicos Bernardo Moreira (contrabaixo), Pedro Moreira (saxofone tenor), João Moreira (trom-

pete), Óscar Graça (piano) e Bruno Pedroso (bateria) numa viagem através das célebres composições de George Gershwin. Compositor e pianista do início do século XX, Gershwin é responsável por obras consagradas como *Rhapsody in Blue*, *An American in Paris* ou a ópera *Porgy and Bess* e por melodias conhecidas de todos como *Summertime*, *S'wonderful*, *Someone Loves Me* ou *I got Rhythm*. Este concerto surge na esteira do sucesso de Vem cantar Jazz com o Coro Gulbenkian e de Vem cantar Canções de Natal com o Coro Gulbenkian. ■



## Eilt! A obra perdida de Emmerico Nunes

**E**mmerico Hartwich Nunes (1888-1968), um “ilustre desconhecido no panorama artístico e historiográfico nacional”, como escreve a curadora da exposição que pode ser vista no Centro de Arte Moderna até ao dia 7 de julho, viveu entre Portugal e a Alemanha e deixou uma notável obra de ilustração, desenho e caricatura.

O catálogo, produzido a propósito da exposição, vai além dos trabalhos mostrados no CAM e reúne cerca de 500 desenhos da coleção do artista, “abarcando aquela que é indubitavelmente a melhor época da sua produção gráfica (a década de 1910)”, no dizer da curadora Isabel Lopes Cardoso, mas também um outro conjunto de desenhos datados de 1920, igualmente destinados à revista alemã *Meggendorfer Blätter*, mas na sua maioria executados em Portugal, para onde o artista regressara em 1918.

Ao longo de mais de 20 anos de colaboração na revista, Emmerico Nunes dividiu os seus desenhos entre a sátira de costumes e a crónica de guerra, numa enorme variedade de registos que pode ser observada nas mais de 500 páginas que compõem este catálogo. A primeira parte reproduz os desenhos expostos no CAM, a segunda parte os que compõem a coleção.

A propósito de Emmerico Nunes, o outro curador desta exposição, José Pedro Cavalheiro, faz uma análise da sua obra que vê caracterizada por “uma imensa versatilidade gráfica” e questiona-a no contexto do Modernismo e da produção gráfica da época, sem deixar de referir o que o afasta de outros artistas, como Stuart de Carvalhais ou Bordalo Pinheiro. Emmerico Nunes viveu em Portugal, Alemanha, Suíça e França. Em 1906, decidiu ir para Paris onde fez os seus estudos e se cruzou com artistas como Amadeo de Souza-Cardoso, Eduardo Viana, Santa-Rita, e muitos outros. Cinco anos depois instalou-se em Munique, à época um grande centro de arte europeu, onde desenvolveu uma parte importante do seu trabalho. Os desenhos feitos para a revista *Meggendorfer Blätter* chegaram a ser dados como desaparecidos na sequência da destruição da cidade de Munique na II Guerra Mundial.

Este extenso catálogo, além de proporcionar belíssimos retratos satíricos da época, é um objeto indispensável para os amantes do desenho e da ilustração e também um testemunho fundamental da obra de Emmerico Nunes. ■

### OUTRAS EDIÇÕES:

**Presença e significado de Manuel António Pina na Literatura Portuguesa para a infância e a juventude**

Sara Raquel Duarte Reis da Silva

**Estudo do impacto das interações educadora-criança no envolvimento das crianças com necessidades educativas especiais em contexto de creche e jardim de infância**

Maria Catarina Leite Rodrigues Grande

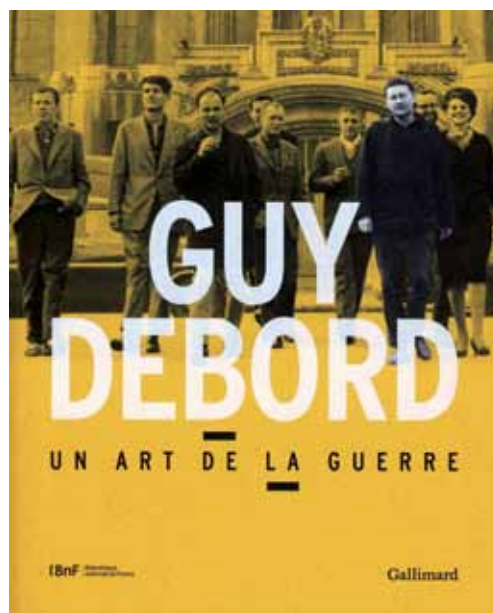


# Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

**C**oncebida pelo Deutsches Historisches Museum (Berlim), com o apoio da Comissão Europeia, no âmbito do seu programa para a cultura (2007-2013), a exposição *The desire for freedom: art in Europe since 1945*, que pode ser visitada entre 21 de junho e 29 de setembro no Kumu Kunstmuseum (Talin), tem por tema central o conceito de liberdade e os valores herdados do Iluminismo na criação artística na Europa, após a II Guerra Mundial. A exposição, que teve como curadores Monika Flacke, Henry Meyric Hughes e Ulrike Schmiegelt, apresenta cerca de 180 trabalhos – pintura, desenho, instalação vídeo, escultura, fotografia –, onde 113 artistas que nasceram e/ou vivem e trabalham no espaço geográfico da Europa comunitária – entre os quais Fernand Léger, Francis Bacon, Damien Hirst, Christo, Yinka Shonibare, Tadeusz Kantor, Maria Lassing e Pedro Cabrita Reis, com a obra *Os cegos de Praga XII* (1998), do acervo do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian – abordam temas como a razão, a precariedade da liberdade, a sociedade de consumo e as experiências pessoais limite. Depois de terminar a sua itinerância no Muzeum Sztuki Współczesnej (Cracóvia) em 26 de janeiro de 2014, ficará para memória futura desta exposição o catálogo coordenado por Monika Flacke, autora de um dos dois ensaios – o outro autor é o historiador de arte alemão Horst Bredekamp –, que apresenta cada uma das peças expostas com um pequeno texto e a respetiva reprodução. Este catálogo tem como particularidade o facto de ter uma versão aumentada em formato digital, que pode ser acedida a partir do endereço e do código que são facultados na versão em papel. ■



**E**ditada em conjunto pela Bibliothèque nationale de France (BnF) e pela editora Gallimard, a obra intitulada *Guy Debord : un art de la guerre* acompanha a exposição com o mesmo nome que a BnF realizou – e apresenta até ao próximo dia 13 de julho, no sítio Tolbiac, em Paris – para celebrar a aquisição do espólio do autor de *La société du spectacle* (1967). Trata-se da primeira apresentação pública dos documentos que o poeta, cineasta, revolucionário, artista e teórico francês Guy Debord (1931-1994) reuniu e classificou entre 1951 e 1994, cujo estudo permitirá novas e mais aprofundadas leituras da sua obra, do seu pensamento teórico e da sua ação, assim como dos dois mais marcantes e influentes movimentos de contestação e crítica radical às consequências do capitalismo e da “sociedade do espetáculo” ocidental na segunda metade do século XX, dos quais Debord foi fundador: a Internacional Letrista (1952-1957) e a Internacional Situacionista (1957-1972). A exposição mostra a diversidade dos documentos que compõem este fundo: cartazes, fotografias, correspondência, filmes, manuscritos. O catálogo/livro que a acompanha é coordenado pelo investigador e historiador de arte Emmanuel Guy e pela conservadora do departamento de manuscritos da BnF, Laurence Le Bras, e está dividido em sete partes/capítulos onde, a par de ensaios, se reproduz uma parte dos documentos em exposição; completam-no a lista das obras expostas que o catálogo não contempla e uma bibliografia seletiva sobre Guy Debord. ■



## Biblioteca de Arte

# **Lourdes Castro**

“**P**rocurando um material sem textura e mais de acordo com o resultado que pretendia obter, fiz em 1964 o meu primeiro ensaio em *plexiglas*. Por fim, um material imaterial como as sombras.” Por estes anos de 1960, Lourdes Castro vivia com o marido, o também artista plástico René Bertholo, em Paris, onde o jovem casal se instalou no inverno de 1958, depois de uma breve estadia em Munique. A decisão de partir havia sido tomada um ano antes e, nessa altura, com eles partiram também os amigos e ex-colegas da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (ESBAL) Costa Pinheiro e Gonçalo Duarte. Para trás deixavam a capital triste do país conservador, retrógrado e opressivo que Portugal foi até abril de 1974. Para Lourdes Castro, esta foi uma segunda partida, pois em 1950 tinha deixado a cidade do Funchal, onde nasceu a 9 de dezembro de 1930, para estudar Pintura na ESBAL. Foi aí que conheceu e fez amizade com os seus futuros companheiros da viagem para Munique e com aqueles com quem em Paris formou o grupo KWY: René Bertholo (1935-2005), Gonçalo Duarte (1935-1986), António Costa Pinheiro (n. 1932), José Escada (1934-1980) e João Vieira (1939-2009), a quem juntaram, no grupo e na revista que levou o mesmo nome, o búlgaro Christo (1935-2009) e o alemão Jan Voss (n. 1936). As razões que os levaram a partir – ou a expatriarem-se – enunciaram-nas numa entrevista ao *Diário Ilustrado* de 17 de dezembro de 1957, a propósito da exposição na Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa, onde apresentavam alguns trabalhos: em Portugal, os artistas não podiam viver da sua arte; apenas a Galeria Pórtico – em cujas atividades Lourdes Castro, Bertholo, Escada e Costa Pinheiro, entre outros, participaram – apostava e mostrava os trabalhos dos jovens artistas; no Museu dito de Arte Contemporânea não se encontravam expostas obras contemporâneas e, como se estas não fossem já razões de sobra, havia a indiferença e, mais intolerável ainda, a incompreensão do público perante as suas obras. A mesma incompreensão que levou os professores da prova de admissão ao curso superior de Pintura a excluir Lourdes Castro, porque os seus trabalhos não se enquadravam nas conservadoras normas académicas, porque, no seu inconformismo com elas, a artista demonstrava já como era diferente e singular o seu modo de olhar o mundo. Em Paris, os jovens artistas portugueses foram acolhidos pelo casal Arpad Szénes e M. Helena Vieira da Silva que,

com António Dacosta, os ajudaram a instalar-se. Pouco depois, Lourdes Castro soube que lhe tinha sido atribuída uma bolsa (de seis meses, prolongada por mais seis) pela recentemente criada Fundação Calouste Gulbenkian. Os anos seguintes foram muito criativos para Lourdes Castro, que, paralelamente ao seu envolvimento na realização dos 12 números da revista *KWY* (1958-1963), foi aprofundando o seu interesse pelo fenómeno da sombra. De facto, as primeiras experiências da artista com as características intrínsecas e as possibilidades plásticas da sombra datam de 1961. A partir desta altura, os seus trabalhos têm revelado sempre, de uma forma pessoalíssima e sensível, o seu envolvimento com as múltiplas dimensões físicas e poéticas da sombra – primeiro sozinha e, a partir de 1970, com Manuel Zimbro (1944-2003) –, através da utilização de técnicas e materiais como a serigrafia, o *plexiglas* e o pano.

Ao longo da década de 1960, Lourdes Castro mostrou as suas obras em exposições coletivas e individuais em Portugal e no estrangeiro: expôs, por exemplo, em Londres, na Indica Gallery (1967), em Hanôver, na Galerie Ernst (1968), e em Basileia, na Galerie Félix Handschin (1968). O catálogo desta exposição contém uma nota biográfica, a lista das exposições em que a artista tinha participado e as fotografias p&b de dois trabalhos: *Ombre portée d'une tasse en plexiglas decoupé* (1966) e *Ombre portée Linhof et orange transparent* (1967). O que o torna especial, no contexto de outros catálogos de exposições de Lourdes Castro, é o facto de ter contado, certamente, com a intervenção direta da artista na capa dupla, de plástico cor-de-rosa vivo, quase florescente, e transparente, com a impressão da sombra recortada de uma figura, à semelhança dos trabalhos em *plexiglas* que vinha realizando desde 1964. ■

**Ana Barata**

TÍTULO/ RESP Lourdes Castro

PUBLICAÇÃO Basel: Felix Handschim Galerie, 1968

ESCR. FÍSIC [6] p. : il. ; 30 cm

NOTAS Livro de artista composto por 4 folhas não numeradas, encadernadas com argolas em espiral e com capa de plástico transparente com impressão a cor-de-rosa. Obra publicada por ocasião da exposição organizada e patente na Felix Handschim Galerie, em Basel, Suíça, de 15 de Março a 13 de Abril de 1968.

Contém dados biográficos da artista representada.

PROVENIÊNCIA Colecção Luís Cristino da Silva

COTA(S) LA 186



# Próximo Next futuro future



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN



© Lien Botha, 9ª Edição dos Encontros de Fotografia de Bamako

## A partir de 21 de junho

EXPOSIÇÕES | DEBATES | CINEMA | DANÇA | TEATRO | CONCERTOS | ARTE PÚBLICA



### Informações

[www.proximofuturo.gulbenkian.pt](http://www.proximofuturo.gulbenkian.pt)

[www.bilheteira.gulbenkian.pt](http://www.bilheteira.gulbenkian.pt)

Tel. 217 823 700 / 553

### Bilhetes à venda

Fundação Calouste Gulbenkian

São Luiz Teatro Municipal

Teatro do Bairro

Parceiros |

Teatro  
do Bairro

SÃO  
LUIZ  
Teatro Municipal

EGEAC

\*Válido para todos os espetáculos e para o Baile na Garagem (reservado a convidados). À venda só até 21 de junho.